

## **A historicidade do discurso identitário de Pepetela na obra: “A Gloriosa Família”**

**Patrícia Martins Alves do Prado**

*Graduada em Licenciatura Plena em História – UEG – Brasil.  
E-mail: [patriciamakonde@gmail.com](mailto:patriciamakonde@gmail.com) .*

**RESUMO:** o presente trabalho trata da construção de uma identidade nacional na obra: "A Gloriosa Família e o Tempo dos Flamengos" na qual enfocamos o discurso de Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos de pseudônimo Pepetela. Empregamos o método da descrição densa o que possibilitou vislumbramos na obra via análise de discurso: a refutação do autor quanto à dominação cultural, ressaltando, entretanto o inegável hibridismo cultural no qual a Nação Angolana e imaginada. Assim produz imagens de angolanidade que rompem com os estereótipos com o colonialismo cognitivo

**PALAVRAS CHAVES:** Pepetela; Pós-colonialismo; Angola.

**The historicity of the discourse of identity Pepetela at work: "The Glorious Family"**

**ABSTRACT:** This paper deals with the construction of a national identity in the work: "The Glorious Time of the Flemings and the Family" which focuses on the Arthur speech Carlos Maurício Pestana of Santos pseudonym of Pepetela. Employ the method of thick description which allowed see the work through analysis of discourse: a rebuttal of the author as to the cultural domination, stressing, however the undeniable cultural hybridism in which the Angolan nation and imagined. So take pictures of Angolans who break the stereotypes with cognitive colonialism.

**KEYWORDS:** Pepetela; Post-colonialism; Angola.

## Uma representação sobre a identidade nacional na obra “A Gloriosa Família”

O romance tem como recorte temporal espacial a Angola colonial do século XVII; a narrativa foca-se na cidade cosmopolita de Luanda para a qual o autor transplanta o contexto do tráfico escravagista e os conflitos religiosos europeus entre holandeses (Calvinismo) e os Portugueses (catolicismo). A obra “A G. F.” é fascinante não só por despertar nossa capacidade de imaginação, mas por ir mais além, e uma obra de cunho social, de cariz etno – cultural.

Pepetela<sup>1</sup> configura um enredo combinando às tradições onde “pese à sua inserção num universo cultural marcado pela tradição oral”<sup>2</sup> Com seu poder de decisão, o autor Pepetela supera a perspectiva de ouvir os interditos da história angolana ao fazer do escravo mudo o narrador; assim consideramos que sua obra é descentralizante, porque não é o colonizador Português ou Holandês que conosco dialoga.

Identificamos no discurso identitário de Pepetela na obra “A G. F.” a construção de uma identidade cultural angolana, assim o estilo literário de Pepetela fundamenta-se no re-contar o passado angolano, o romance e elaborado a partir dos interditos da história angolana oficial. Re-contar o passado, e revivê-lo, revisitá-lo através das lembranças, no qual o tempo é a peça chave neste quebra-cabeça como coloca-nos Bhabha:

relembrar nunca e um ato tranqüilo de introspecção ou retrospectão e um doloroso re-lembrar, uma regressão do passado desmenbrado para compreender o trauma do presente. Essa e a

---

<sup>1</sup> Dados biográficos: escritor, sociólogo, ex-ativista do Movimento pela Libertação Angolana, ex-ministro da educação, um dos fundadores da União dos escritores Angolanos e ex - presidente da mesma foi professor de sociologia da Universidade Agostinho Neto. Disponível: <http://www.uea-angola.org/bioquem.cfm?ID=79>

<sup>2</sup>CHAVES, Rita. Pepetela: romance e utopia na História de Angola. *Via Atlântica*. São Paulo.1999 N 02 Jul.p.217.

memória da raça e do racismo, do colonialismo e da questão cultural (...)<sup>3</sup>

Pretendemos analisar o discurso identitário de Pepetela refletindo acerca do enigmático título da obra “A G. F.”, porque a narrativa literária e um dos discursos que almejam representar o mundo, expressão da vida, sensibilidades, formas de pensar e agir, em outras palavras, a experiência do homem no tempo. Portanto, e imprescindível recordarmos que a narrativa literária e por excelência um discurso metafórico, então somos levados a questionar sobre a representação simbólica do título da obra “A G.F.”, porque a literatura e:

os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes, foram escritos por Autores com diferentes intenções e estratégias e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lê-los.<sup>4</sup>

Sendo assim, devemos levar em consideração que o autor Pepetela esta inserido no projeto literário do nacionalismo angolano, isso fica visível no enunciado da obra a partir do uso do artigo “A” para designar a família. O que significa dizer que não e qualquer família, é A FAMILIA, portanto única, o que nos conduz em “(...) ouvirmos o a repetido na tradução não como objeto da lingüística, mas no ato da enunciação colonial da contestação cultural” (BHABHA, 1998p. 95), i e assim que o nacionalismo torna - se verificável na expressão “GLORIOSA”.

Ao longo do romance identificamos Matilde como elo de ligação com o contexto do tempo presente angolano a partir de suas visões. Nestes termos seguiremos os passos do narrador para compreendermos o significado do título da obra:

Gertrudes fez esta exigência, como mais tarde confessou a Família, porque Matilde, sua irmã mais nova, muito bonita Mas também muito bruxa, inclinada a visões e profecias, lhe confidenciou numa noite de trovoada, que o pai estava a dar Origem a uma linhagem notável, nas suas palavras, uma

---

<sup>3</sup>BHABHA, komi k. Interrogando a identidade Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial. *In: O local da cultura*. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998. p.101.

<sup>4</sup> HUNT, Lynn. História da cultura Michael Foucault por Patrícia O'Brien. *In: A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luis Camargo. Ed. Martins Fontes. 1992. p. 18.

gloriosa Família e ela queria que os netos e bisnetos carregassem o nome Ilustre de um Van Dum.<sup>5</sup>

A família na obra simboliza simultaneamente a Nação em construção e o ser angolano, isto e a identidade nacional, este processo de construção da nação fica legível na medida em que o narrador enuncia “o pai estava a dar origem a uma linhagem notável” O tempo verbal da frase acena e nos remete ao futuro, porém e “GLORIOSA” no futuro o que nos motiva a considerar que “A G. F.” pode ser identificada como proposta embrionária no tempo presente.

E nestes termos que Pepetela exerce sua função social como escritor ao imaginar a nação. Neste sentido levantamos a hipótese que Pepetela fez uma analogia do termo Família com a formação da Nação angolana pautada na tradição africana. Então, evocamos as palavras de Amadou Hampâté Bâ numa entrevista concedida a Philippe Decraene em 1981, intitulada os confrontos culturais. Decraene questionou? “de todas as mudanças sociais ocorridas África, qual lhe parece a mais importante? A mais grave de todas me parece ser o esfacelamento da família”.<sup>6</sup> Neste sentido, Pepetela coloca em evidencia que após o confronto cultural, há a resignificação dos valores, e reafirma-se uma identidade angolana a partir da reinvenção das tradições.

Entretanto, torna-se translúcido que a tradição convive com a modernidade. Observem no trecho abaixo:

O kimbanda e o soba foram presos. Ngola Kiato ficou em Minha casa, tratado como um amigo prisioneiro, disse o Menezes. Mas o Sukeko foi para as masmorras. Vários padres falaram com Ele, tentando doutriná-lo para renegar as suas praticas diabólicas. Mas Sukeko dizia com grande arrogância, não sei o que e isso de Diabo, eu apenas curo as pessoas com os conhecimentos que tenho das ervas desta terra e

---

<sup>5</sup> PEPETELA. A Gloriosa Família: o Tempo dos Flamengos. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1999. p. 22

<sup>6</sup>AMADOU, Hampâté Bâ. Confrontações culturais. Thot África. São Paulo. Palas Athena, N 80 abril, 2004, p.08. Entrevista concedida a Philippe Delacraene.

ajudado pelos espíritos dos antepassados... Vendo que não podia convencer o feiticeiro a abraçar a religião Crista, mandou o governador erguer enorme pira de lenha num Alto junto da igreja de São Benedito, para queimar o Sukeko na Fogueira, como mandava a sagrada Inquisição. Não se sabe porque Razão, o chefe dos carrascos resolveu garrotear o Kimba De o lançar para a fogueira.<sup>7</sup>

Empregando as palavras de Hernandez, os portugueses eram o “povo de cristo”, foi sob esta ótica que o colonizador português moldou seu discurso e praticas em Angola, sendo determinante na forma que se relacionou com os povos colonizados, impondo a universalização de seus credos. Entretanto, no discurso identitário de Pepetela o Kimbanda Sukeko não renega o conhecimento oriundo de sua terra, mesmo diante da morte Sukeko não renega sua cultura, sua tradição. Quanto ao conceito de família africana defendido por Amadou Hampâté Bâ também se vincula a tradição como podemos verificar:

na tradição africana a vida individual não existia: Só existia a vida familiar e, por extensão, a comunitária, que constituía o próprio tecido; da sociedade e garantia a sua salvaguarda. A noção de família era extremamente Ampla na África. Ela estendia-se, na verdade a todo o clã.<sup>8</sup>

Neste sentido, a família não simboliza apenas a primeira tessitura social, representa nossas raízes, nossos costumes, vai além dos laços consangüíneos porque e a partir da tolerância, da convivência que forjam laços capazes de superar as divergências.

Portanto, as diferenças tornam-se sinônimo de crescimento, de superação, isto não significa ausência de problemas, pelo contrário, mas há o desejo conjunto de superação, porque existe uma historia em comum que forja a unicidade em meio à diversidade.

É interessante observarmos também o espaço no qual Pepetela construiu sua narrativa literária: “a sanzala de Baltazar Van Dum, aqui na cidade de Luanda, Sanzala a que ele pomposamente chama de quinta, la no alto das barrocas, não longe da lagoa do kinaxixi)<sup>9</sup> (p.12)”.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> PEPETELA, 1999p. 155

<sup>8</sup> (Amadou, 2004, p.08).

<sup>9</sup> PEPETELA, 1999p. 12

Consideramos que Pepetela nesta obra vislumbra o modelo de nação, a partir do regionalismo luandense. Ora, isso significa assumirmos que as diferenças regionais convivam no seio da unidade nacional e o local onde se edifica a construção das estruturas não é qualquer lugar, este é o sustentáculo da Nação, espaço sonhado, idealizado...

(...) só muito mais tarde quando os negócios prosperam e até já tinha o arimo na margem do rio Bengo, a vinte quilômetros da sua residência, começou a construção da casa definitiva. Dali se via a ilha toda, desde a ponta, fechando a entrada para o porto. Até a barra de corimba no sul. Dali se via a cidade e o morro de S. Paulo e o morro da samba. E para trás, no sentido do Oriente, se via a entrada da terra, o reino que Ngola Kiluanje unificou. A pátria dos Ngola a minha.<sup>10</sup>



<sup>10</sup> Idem,,idem,p.19

<sup>11</sup> Fonte: <http://www.ambassadeangola.ch/imagens/mapa/mapa.jpg>

A frase: “começou a construção da casa definitiva” simboliza o processo de construção no qual a Nação angolana se encontra após o processo de luta pela Independência e as mazelas cravada pela guerra civil.

O discurso identitário de Pepetela vislumbra a Nação angolana e o sentimento do (ser) angolano a partir do que é singular, do particular. Veja:

De vez em quando iam alguns oficiais mafulos almoçar á casa Grande, especialmente o major Tack. Sempre ao sábado. Uma vez também veio Dom Agostinho Corte Real e família restrita. Um dia, Ambrósio perguntou, mas por que convida sempre as Pessoas para o sábado, pai? O meu dono ficou perturbado, porque de facto não tinha uma resposta... sábado é dia de descanso dos Judeus e como não somos judeus... Desculpa esfarrapada, se não tivesse sido o Ambrósio a chamar a atenção, eu não teria reparado no facto de Luanda, se fazerem na sanzala ao sábado. Que eu sabia nenhuma Família tem essa prática...<sup>12</sup>

Neste sentido, o discurso de Pepetela afirma uma proposta de Construção de identidade nacional angolana a partir e através da alteridade, dos confrontos com outros povos, isto é afirmar o que é ser angolano através da construção do “outro”, do não ser angolano via cultura. E é desta forma que Pepetela enaltece a singularidade angolana e ferozmente refuta a propagação dos valores culturais ocidentais como superiores assim o que contesta e a homogeneização da cultura.

Além disso, o trecho acima deixa em evidencia um dialogo entre povos diferentes, Pepetela não defende um purismo cultural, tal fato pode ser verificado na forma como elaborou a formação da família Van Dum. A questão do tempo impõe-se novamente através da descrição dos hábitos da família van Dum, porque:

a maior parte das vezes não havia convidados, mas o almoço de sábado se comia melhor e vinham os elementos da família Que moravam longe, por exemplo, Rodrigo e Cristina e o Diogo, Sempre habitar o Arimo do Bengo... Depois já todos tinham o Hábito e nunca mais reparamos nessa mania que um dia, muito Mais tarde, se haveria de estender outras famílias em Luanda, Como profetizava Matilde, a bela bruxa.<sup>13</sup>

No fragmento acima podemos constatar a construção de novos costumes, que diferem dos hábitos dos povos Kimbundos, portugueses e dos holandeses, portanto, neste quadro a família Van Dum é única. Pepetela tece sua trama

---

<sup>12</sup> Idem, idem, p.180

<sup>13</sup> Idem, idem, p.180



confeccionando a família Van Dum como paradigma, um parâmetro identitário, por outras palavras, um caminho para as famílias angolanas. Lembrando sempre que a família propicia-nos o sentimento de pertencimento, de ter um lugar no mundo assim quando Pepetela tece uma analogia entre família e Nação forja-se uma identidade coletiva, mas também híbrida, porque a noção de família lembra-nos o que Hall nomeou de concepção de identidade do sujeito sociológico que “estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam...” (Hall, 2001p. 12).

Entretanto, Pepetela sutura a tradição ao conceito de nação<sup>14</sup> provavelmente seja por este motivo que Secco (1999) ainda no prefácio da “A G.F.” nos pronuncie a conciliação entre tradição e modernidade. Isto significa dizer que Pepetela não projeta para o futuro uma identidade nacional angolana essencializada, por que assimila parte da cultura do colonizador, através do dialogo com alteridade.

### **Projeção e Abertura: Por Um Novo Vir a Ser**

O discurso identitário de Pepetela sobre Angola forma-se através da família, porém de forma multifacetada e hierarquizada, o que condiz com a descrição de Hernandez (2005) acerca da formação da sociedade angolana, por outras palavras, comunga a diversidade no que tange a língua, a religião, a economia e a raça transfigurando-se numa sociedade “(...) plurinacional, multiracial e marcada pelo conflito”.<sup>15</sup>

Outrossim, refletir acerca de como Pepetela construiu a representação da Família /Nação angolana, tornando-se necessário analisarmos o trecho a seguir:

o meu dono seguia o habito dos outros brancos, fossem Mafulos, fossem portugueses, que nos chamavam de Bárbaros por tomarmos banho sempre que podíamos e disso fazermos uma festa. Ele tomava um pela páscoa e Outro pelo Natal, não devia exagerar, muito banho desgastava a pele, como afirmava. E se esfregava dentro da selha, no meio do quintal, ate ficar vermelho, como um

---

<sup>14</sup>(comunidade imaginada com define Benedict Anderson) ANDERSON, Benedict. Nação e consciência Nacional. São Paulo; Ed. Ática, 1989.

<sup>15</sup> HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. A África na sala de aula: Visita a História Contemporânea. 1ª ed. São Paulo: Grupo Summus – Selo Negro Editora, vol. 1, 2005. p. 510



jindungo. Era espectáculos a que toda gente assistia, família, forros e escravos, numa verdadeira Festa (...)<sup>16</sup>

Festa e sinônimo de encontro, de partilha, embora nas experiências e praticas dos atores sociais existam divergências, mas partilhamos o cotidiano com pessoas que temos afinidade, uma historia em comum, porém no trecho acima fica evidente a estratificação social na qual e composta a Nação angolana, em torno da família existe os forros e os escravos, dentro da própria família havia hierarquia, os filhos legítimos e os do quintal. Desta forma, “(...) é preciso levar em conta que a estratificação social era condicionada por elementos econômicos, mas também pela língua, religião e, sobretudo, raça”.<sup>17</sup>

Pepetela projeta como já mencionamos a família Van Dum como paradigma para a Nação angolana, suas palavras acima ainda nos segreda o encontro de um europeu que se adapta e apaixona se não só pela baía de todos os sonhos, mas também por uma nativa do grupo etno - linguístico Kimbundos.

Então, temos a convicção de que os filhos simbolizam o hibridismo cultural, a mestiçagem na qual a Nação é forjada. Portanto, o que o autor refuta e a dominação cultural, a imposição e universalização dos valores culturais, trazendo como contraponto os laços de afinidade, as experiências cotidianas para reforçar a noção de identidade nacional angolana. E e justamente essa refutação que torna-se instrumento de mudança e de transformação sendo portanto um dos prováveis motivos que leva Pepetela a ambientar sua obra na Angola colonial do século XVII, inspirado na teoria pós-colonial, deste modo procura compreender o tempo presente da realidade social da Angola pós - independência.

E relevante recordarmos que numa família cada pessoa e diferente umas das outras, neste sentido Pepetela doa múltiplas imagens de nacionalidade angolana a partir dos filhos. Visa na multiplicidade de pontos de identificação propiciar imagens nas quais os angolanos possam escolher o que os faz sentir - se angolanos. Assim selecionamos duas representações imagéticas: Ambrósio a educação e Diogo a agricultura. Um dos pontos de identificação que Pepetela compartilha conosco e o

---

<sup>16</sup> (PEPETELA, 1999, p. 31).

<sup>17</sup> (HERNANDEZ, 2005, p. 570)

filho “do quintal” Diogo uma projeção de uma imagem inerente à agricultura. Desta forma:

(...) até que lhe disse um dia, agora passas a usar o meu o meu nome, porque es meu filho e ficas a tomar conta da quinta em meu nome. Para meu espanto, Diogo engoliu todos os ressentimentos, só disse esta bem pai (...) Nunca comemos tão bem na sanzala. E Baltazar fala sempre com muita satisfação no filho Diogo, uma inesperada revelação para agricultura, que come a partir de então na mesa da casa grande como o resto da família.<sup>18</sup>

Como é possível vislumbrar no próprio Hino Nacional Angolano, a expressão “construindo no trabalho o homem novo”, este discurso também é nítido no programa mínimo do MPLA, e significativo que Pepetela também identifique que seja através do trabalho que os Angolanos encontraram reconhecimento na Nação. Mas, entretanto, muito além do discurso e a necessidade que os angolanos têm de superar a desigualdade social e venham a partilhar as riquezas da Nação, porque em Angola o crescimento econômico cresce equiparado à desigualdade social.

Ambrósio é descrito como intelectual, o filósofo cuja imagem associa-se à educação:

Gosto do Ambrosio, o mais inteligente dos Van Dum, sempre a ler os papeis a que tem acesso. Estudava no colégio dos jesuítas, antes de os mafulos invadirem a cidade e obrigarem os padres a fugirem conosco. Agora Ambrosio se aproveitava do que aprendera e estava sempre com livros na mão. E não era só os livros da religião que ele queria servir. Mas não vi o Ambrosio como padre. Baltazar não se importava, a mãe gostava. Mas não me parecia que ele estivesse realmente interessado, seria mais para permanecerem contacto com os livros, tão raros em Luanda. Na casa grande só havia dois, uma Bíblia e um livro em flamengo com muitas ilustrações e que Baltazar Tinha trazido da casa dos pais, em Bruges. Todos os outros tinha sido Ambrósio que arranjava, mas não eram dele, eram emprestado ou Recuperados . Ele chamava de recuperados aos que conseguia retirar Das casas abandonadas pelos portugueses, pois alguns livros foram Deixados no chão depois do saque.<sup>19</sup>

Ao longo da obra Ambrósio se destaca ponderando, examinando, corrigindo algumas idéias, sua opinião era sempre respeitada por Baltazar, mas o que é relevante analisarmos no fragmento acima e que Pepetela evidencia as dificuldades em que se encontra a Educação Angolana no período de reestruturação. Porém o desejo por instrução faz Ambrósio superar as dificuldades e justamente esta projeção que o sociólogo deseja que se realize plenamente em Angola. Devemos insistir que

---

<sup>18</sup> (PEPETELA, 1999, p.115)

<sup>19</sup> PEPETELA, 1999 P. 64)

provavelmente um dos motivos que leva Pepetela a ambientar sua obra A GLORIOSA FAMÍLIA no século XVII e a insatisfação referente à realidade social de Angola no período posterior a Independência.

Assim, recordarmos o momento histórico da edição do romance somos levados a considerar que após as eleições democráticas e pluripartidárias de 1992 a guerra cobriu o território angolano de forma avassaladora, não e apenas a fase mais destruidora de Angola, com o solapamento de Huambo e Bié, mas e, sobretudo quando desconfigura-se parte da esperança do povo angolano:

as famílias se desestruturaram e a esperança na paz passou a significar a espera pelo que nunca chega. Passou-se mesmo a pensar, por parte da população, que lhe estava roubado o direito à vida digna e a paz. Vitima do conflito leste-oeste, do conflito regional da África Austral, a experiência democrática - das eleições presidenciais e legislativas – sob direção das Nações Unidas, na qual se depositava confiança, o povo encontra razões fortes para perder a credibilidade no trabalho daqueles a quem Competia resolver as questões de paz para Angola.<sup>20</sup>

Provavelmente, Pepetela tenha percebido que o próprio povo angolano tenha que se libertar e criar as condições para que a paz de fato reinasse, assim sendo e indispensável uma educação voltada para justiça social. Além do mais ao longo do romance Ambrósio sempre apresenta idéias capazes de solucionar ou evitar os problemas para a Família / Nação.

Assim vislumbramos que Pepetela oferta-nos imagens do povo angolano como sendo um povo batalhador, que reivindica respeito e conhece suas perdas. Desta forma, re-visitar o passado colonial inspirado na teoria pós - colonial não significa exumá-lo negando o processo histórico, mas identificar que os traumas do presente foram um legado construído e fomentado pela sede colonialista lusitana vinculada ao auxílio dos angolanos que estruturaram as praticas do neo-colonialismo.

Portanto, Pepetela identifica os problemas, mas ultrapassa essas fronteiras ao propor que após o processo de hibridação, no qual se aprendeu parte da cultura do

---

<sup>20</sup> NGULUVE, Alberto kapitango. Política Educacional Angolana (1976 - 2005) – Organização, Desenvolvimento e Perspectivas. Dissertação (mestrado em Educação.)Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.P. 47

colonizador através do dialogo entre culturas, os angolanos devem reivindicar uma relação de correspondência com o seu passado histórico.

O que é possível porque os valores essenciais e culturais da cultura angolana base para a formação e permanente (re) construção da identidade nacional coletiva não foram esfaceladas, mas passaram por um processo de resignificação.

Desta forma a correspondência com o passado e evocado por Pepetela via cultura, e por intermédio da tradição não é o “(...) chamado - retorno as raízes - mas uma negociação com novas rotas”<sup>21</sup>. É o que nos motiva a vislumbrarmos os filhos como pontos de identificação para os angolanos, os filhos representam as potencialidades e os diversos e múltiplos caminhos para as novas (re) construções identitárias.

### **Considerações Finais**

*(Re) construir identidades num mundo* entendido como pós-colonial e sinônimo de luta pela emancipação e libertação dos povos colonizados em relação a si e ao “outro”. Isto significa dizer que é uma luta por reivindicação de uma política de (re) construção identitária fundamentada no desejo de construção da cidadania. Pepetela reivindica para o povo angolano o papel do protagonista de sua própria história refutando assim a dominação cultural, mas não nega o hibridismo cultural no qual a nação é forjada.

Entretanto os angolanos devem propalar uma relação de correspondência com seu passado histórico, desta forma re-visitar o passado colonial não significa exumá-lo negando o processo histórico, mas identificar os problemas e potencialidades. Mediante as leituras de Hall (2001) cogitamos que a (re) construção da identidade tem como elemento constitutivo - a imaginação enfatizamos então que cabe a cada povo, a cada nação decidir como imaginar a sua própria identidade, isto é, fazer projeções para o futuro.

---

<sup>21</sup>HALL, Stuart. *Identidade e Diferença. In: Identidade e Diferença: Perspectiva dos Estudos Culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.)*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 109

Neste sentido, Pepetela oferece ao povo angolano pontos de identificação, imagens positivas, isso contribui no processo de crescimento nos quais os angolanos cumprem a difícil tarefa de descobrirem sua própria identidade, para escrever de forma autônoma sua própria história, explanando uma identidade nacional que simbolize a coletividade do ser angolano, assim almeja ampliar a consciência nacional.

Portanto, podemos identificar que a família de Baltazar Van Dum representa em seu cerne, ainda que embrionário, a proposta de uma identidade cultural angolana. Por isso, a obra Gloriosa Família de Pepetela torna-se um documento interessante para pensarmos a construção de uma Identidade angolana em um contexto entendido como pós-colonial.

## REFERÊNCIAS:

PEPETELA. A Gloriosa Família: o Tempo dos Flamengos. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1999.

ANDERSON, Benedict. Nação e consciência Nacional. São Paulo; Ed. Ática, 1989.

AMADOU, Hampaté Bâ. Confrontações culturais. Thot África. São Paulo. Palas Athena, N 80 abril, p 03 – 12, 2004. Entrevista concedida a Philippe Delacraene.

BHABHA, komi k. Interrogando a identidade Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial. *In: O local da cultura*. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998. pp. 70-107.

CHAVES, Rita. Pepetela: romance e utopia na História de Angola. Via Atlântica. São Paulo. N 02 Jul.p.216 - 232, 1999.

HALL, Stuart. A identidade Cultural na pós-modernidade. 5ª ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. Identidade e Diferença. *In: Identidade e Diferença: Perspectiva dos Estudos Culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.)*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. A África na sala de aula: Visita a História Contemporânea. 1ª ed. São Paulo: Grupo Summus – Selo Negro Editora, vol. 1, 2005.

HUNT, Lynn. História da cultura Michael Foucault por Patrícia O'Brien. *In: A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luis Camargo. Ed. Martins Fontes. 1992. pp. 18-33.

NGULUVE, Alberto kapitango. Política Educacional Angolana (1976 - 2005) – Organização, Desenvolvimento e Perspectivas. Dissertação (mestrado em Educação.)Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó. Prefácio. *In: A Gloriosa Família: O tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.



Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - Agosto. 2009 - ISSN 1983-2354  
[www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com)

Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - Agosto. 2009 - ISSN 1983-2354  
[www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com)